

Um irmão. Uma irmã.
Demasiadas emoções num só apartamento.

Greta

«Digam olá
à vossa nova família
ficcional preferida.»

KIRKUS REVIEWS

«Um romance
divertido, sagaz
e inteligente.»

DAILY MAIL



Valdin

TOP
SEL
LER

Rebecca K Reilly

Ao homem desconhecido.

PERSONAGENS

Greta Svava Valdinova Vladisavljevic é a irmã de **Valdin**.

Valdin Valdinovich Vladisavljevic é o irmão de **Greta**.

Valdin Vladisavljevic, que só dá pelo nome de **Linsh**, é o pai de ambos.

Beatrice, mais conhecida por **Betty**, é a mãe de ambos.

Lavrenti Vladisavljevic, muitas vezes chamado **Casper**, é o irmão mais velho de ambos.

Greta Gregers, em determinados contextos chamada a **outra Greta**, é a cunhada de ambos.

Tang é o sobrinho de 17 anos de ambos.

Freya é a sobrinha de 6 anos de ambos.

Anthoñ Vladisavljevic, normalmente chamado **Thony**, é o tio de ambos.

Giuseppe Alonso, muitas vezes chamado **Gep**, é o marido do tio de ambos.

Xabier Alonso é o irmão do marido do tio e mais nada.

Geneviève é a melhor amiga da mãe de ambos.

Cosmo é o que mais se assemelha a um primo de ambos.

Lavrenti Vladisavljevic, que só dá pelo nome de **Vlad**, é o avô de ambos.

Fereshteh, **Rashmika** e **Elliot** são amigos de **Greta**.

Vyacheslav, conhecido como **Slava**, é amigo de **Valdin**.

Holly é uma pessoa que trabalha na universidade.

Ell é uma aluna de doutoramento na universidade.

Remetente

v

Regresso ao apartamento e encontro a pior coisa do mundo. Alguém enfiou um cartão amarelo entre a porta e a soleira. Não é um daqueles postais que dizem «Gostava que estivesse aqui comigo na Costa del Sol» ou «Porque não me avisaste de que o Caminho de Santiago está cheio de velhotes trôpegos?». Este é um daqueles avisos que dizem «O destinatário não atendeu». Significa que alguém chegou ao meu apartamento com uma encomenda depois de conduzir pelas ruas estreitas da cidade, provavelmente estacionar em segunda fila e subir seis lanços de escadas, e depois, como eu não estava em casa, visto que foi a meio do dia de uma quarta-feira e eu tenho... uma vida, vá, levou a encomenda para trás. Agora, vou ter de passar pelo stress de localizar a encomenda, esteja ela onde estiver. Só espero que não seja em Penrose, porque não tenho carro.

Retiro o cartão e, enquanto penso numa forma de impingir este fardo a outra pessoa, ocorre-me que não encomendei nada. Será que foi a Greta? Ela encomenda muitos livros online e depois grita comigo quando eles chegam. Grita que sabe não ser ético comprar livros às grandes distribuidoras, mas que é o Governo que tem a culpa de ela não se poder dar ao luxo de ser uma consumidora ética, visto que acabou com os subsídios

atribuídos a alunos pós-graduados em 2012. Esta é a justificação oficial, mas sei que a verdade é que ela não gosta da rapariga que trabalha na livraria perto de nossa casa.

Há pouco tempo, eu e a Greta fomos à festa de anos do nosso tio, e ela bebeu tantos *Bacardi* com limonada que anunciou que a rapariga que trabalha na livraria perto de nossa casa pensa que é melhor do que toda a gente só porque trabalha numa livraria e tem uma tatuagem parva de um rouxinol, quando, bem, a Greta também leu Oscar Wilde, por isso a rapariga pode ir bardamerda. Eu disse-lhe que até simpatizava com as pessoas da livraria e ela respondeu que então eu e o Príncipe Feliz podíamos ir os dois levar no cu. Verdade seja dita, não gosto assim tanto deles a ponto de sugerir uma orgia com uma estátua francesa fictícia. Pelo menos, até ver. Quando viro o cartão e leio o que tem escrito, constato que não é para a Greta. Alguém escreveu VALADDIN VLADISAVJ em letras grandes e a tinta permanente. Não é assim que costumo escrever o meu nome, mas também não posso provar sem sombra de dúvida que o destinatário é outra pessoa.

Introduzo cuidadosamente o código de referência de doze dígitos no *website* dos Correios. A encomenda está no posto da Victoria Street West, que não é muito longe, mas está calor e quero entrar em casa. Desço os seis lanços de escadas a resmungar. Quero sentar-me no meu novo sofá turquesa, beber o refrigerante de maçã que está no frigorífico e ler o meu livro de poemas espanhóis. Não gosto de ler coisas sobre dor e trauma, para isso tenho a aplicação da Al Jazeera. E, de momento, por razões pessoais, também não gosto de ler coisas sobre pessoas apaixonadas. A Greta estuda Literatura Comparada e consigo ouvi-la no quarto a exclamar coisas como: «Meu Deus, este homem acabou de saltar da janela por causa da hiperinflação!» ou «Santíssimo, esta gente apanhou toda cólera porque os avisos estão em italiano!». Um livro sobre a beleza do deserto, do mar, das montanhas e de outras

paisagens espanholas evita essas coisas, mantém-me afastado de tudo isso. Quase sempre.

Evito pensar em dar meia-volta e ir para casa quando saio do prédio. Tenho de seguir sempre o plano que tracei. Caso contrário, sinto que perturbei a ordem natural das coisas. Por vezes, quando penso que nada está a correr como eu gostaria, desato a chorar ou vomito. Fico para morrer. Não consigo lidar com o facto de as pessoas cancelarem planos. Mas claro que isso acontece; os planos estão sempre a mudar. Quem me dera conseguir aceitar de ânimo leve esse tipo de imprevistos; quem me dera conseguir não ir aos arames quando recebo uma mensagem de alguém a dizer que afinal não dá para ir ver o novo *remake* de *Samitério de Animais* porque parece que é mesmo muito mau. Mas não consigo. Digo que não faz mal, mas faz, e acabo por ir sozinho ao Event Cinemas Queen Street porque, se não for, vomito no lavatório da casa de banho que acabei de limpar. Sofrer de TOC é uma seca descomunal. Gostava de ter uma cena mais fixe, tipo hipermobilidade articular ou íris violetas. Sinto que as vias neurais das outras pessoas são trilhos bem preservados, ao passo que as minhas têm mais curvas e contracurvas do que os escorregas do Waiwera Thermal Resort depois de ter sido encerrado.

Há muitos adolescentes junto à fonte da Ellen Melville Square. Têm as mãos dentro de água para se refrescarem do calor de janeiro. Miúdos que frequentam o colégio finório e têm disciplinas como Design para os *Media* em vez de fardas escolares. Andei numa escola pública que era conhecida pelas equipas desportivas campeãs e famigerada por roubar atletas promissores a outras escolas. Coisas que não me diziam nada. A Greta também não praticava nenhuma modalidade. Ainda jogou ténis durante uns tempos, mas só porque lera um conto sobre pessoas que jogavam ténis na década de 1940 e queria usar uma saia branca. O envolvimento do nosso irmão mais velho, o Casper, no desporto prendeu-se unicamente com

o facto de querer denunciar a escola à imprensa devido ao súbito afluxo de rapazes na equipa de rãguebi que pareciam ter cerca de 21 anos e diziam ser todos alunos transferidos de Foxton, mas a nossa mãe sugeriu-lhe que estivesse caladinho e tratasse de conseguir créditos suficientes para passar sem criar um circo mediático no nosso quintal.

Eu não levantei ondas na escola. Não abri a boca durante o tempo que lá passei, o que foi preocupante para os meus pais, mas passou ao lado dos professores. E depressa deixou de preocupar os meus pais quando o Casper engravidou uma miúda e abalou para Moscovo. Mesmo assim, eu tinha jeito para a escola. Era o melhor a Física, a Matemática e a História. Mas queria mesmo era aprender Francês. Queria usar uma boina e conhecer um homem misterioso, à noite, num parque parisiense. Na altura, as minhas ideias sobre o que era *sexy* e o que acontecia a coberto da escuridão devido à repressão homofóbica ainda não estavam totalmente formadas.

O passeio da High Street é estreito, o que me obriga a desviar-me constantemente dos sacos de lixo à porta das lojas e a sair do passeio para deixar passar outras pessoas. Estou de calças de ganga e ténis brancos. Uma péssima escolha, primeiro, porque me preocupa o facto de se sujarem, e segundo, porque está muito calor. Nesta parte da rua, as pessoas fumam narguilé dia e noite e as nuvens de fumo com aroma a framboesa permanecem na humidade densa. Devem estar uns trinta graus. Nunca fumei narguilé, dá demasiado nas vistas. Os homens sentam-se com as pernas muito afastadas, e as minhas calças de ganga são novas e demasiado justas para isso. Seja como for, prefiro sentar-me de pernas cruzadas.

Em Victoria Street, começo a pensar na encomenda. Será uma carta oficial registada? Assim como assim, também posso ser considerado cidadão russo. Talvez me tenham enviado uma convocatória para prestar serviço militar. Credo, só de pensar nisso... Como será a farda deles? Tudo bem que

o verde me assenta lindamente, mas não quero matar ninguém. Ou levantar-me cedo. E cheira-me que a farda deve ser azul-escura. Que mais pode ser a encomenda? Paro diante da passadeira diagonal à porta da Farmers com uma sensação estranha e nada agradável que não me parece ser só do calor.

Porque me teria ele enviado fosse o que fosse? Desapareceu fisicamente há mais de um ano e, recentemente, também se evaporou da minha mente. Porque tinha de voltar a pensar nele? Sinto o aviso dos Correios dobrado no bolso das calças de ganga e penso que ele também lhe tocou, o que nem sequer faz sentido, e recrimino-me por isso. Porque me teria enviado fosse o que fosse? Porque haveria de querer ter alguma coisa que ver comigo? Foi ele que acabou tudo, naquele dia de junho. Estava a chover e eu tinha voltado para casa mais cedo porque pensei que podíamos reservar uma mesa num sítio bonito, se nos despachássemos.

Xabi. Meu Deus. Tento não pensar no nome dele ou dizê-lo em voz alta, e usar antes expressões como «alguém que conheci» e «um tipo com quem andei». São expressões que enganam sempre quem me ouve. Fazem com que o Xabi pareça um tipo que conheci numa discoteca e com quem fui comer um *brunch* algumas vezes antes de perceber que só gostava de *bowls* de açaí e que ele não me dizia nada. Mas não foi nada disso. Amava-o como nunca amei alguém. Quando estava com ele, parecia que nada mais importava e que tudo ficaria bem para sempre. Uma estupidez, é certo, mas era assim que me sentia. Acho que ele sentia o mesmo. Eu não estava a viver uma fantasia criada por mim, os meus amigos não estavam no Food Alley a beber Black Russians e a dizer que eu era burro por pensar que amava um tipo tão ridículo, um tipo com uma tatuagem no peito e um cigarro eletrónico com pedras incrustadas, um tipo daqueles que nos trocam por alguém que conheceram numa discoteca de *trap* a que não queríamos ir porque tudo aquilo parecia apropriação cultural e só começava a bombar à meia-noite.

As pessoas gostavam de nos ver juntos, apesar de o Xabi ser mais velho do que eu. Ele tinha consciência disso; não era um daqueles tipos que têm o hábito de sair com homens mais novos. Na verdade, ele não tinha o hábito de sair com ninguém. Isso fazia-me sentir especial, mas, pensando bem, talvez devesse ter visto nisso um sinal de alerta. Ele estava habituado a estar sozinho. Sentia sempre que estava a atrapalhar. A coisa descambou quando comecei a sentir um mal-estar constante, quando comecei a chorar todas as manhãs antes de ir para o trabalho. Não sabia qual era o problema. Ninguém gosta de ir trabalhar, é uma obrigação. O Xabi pensou que a culpa era sua e foi viver sozinho para um rancho na Argentina. Não lhe levo a mal ter feito isso. Sentia-me tão fragilizado que não era capaz de dizer a ninguém, nem a mim próprio, qual era o problema. Só queria que ele me amasse e custava-me perceber que me tornara uma pessoa incapaz de ser amada. Depois, descobri que afinal só não queria ser físico, apesar de ter estudado para isso durante oito anos, mas entretanto já ele tinha partido.

Por vezes, penso que posso recuperar o controlo se fizer tudo bem, mas as coisas que acredito ter de fazer são completamente descabidas. É como ser extremamente supersticioso, mas também odiar-me a mim próprio. Quando não faço as coisas bem e vejo a Al Jazeera, penso que a culpa é toda minha. Há guerra no Iémen porque não fechei bem o congelador. A Amazónia está em chamas porque comprei meias demasiado pequenas na banca coreana do salão de jogos. Há pessoas que têm cinco casas e outras que dormem em carros porque deixei cair o telemóvel e ele partiu-se. Sei que pareço egocêntrico. É horrível sentir-me assim e gostava de me sentir de outra forma. Subo a colina e passo pela Sky Tower, e, se ela cair hoje, a culpa não será minha. Vou levantar a encomenda agora mesmo.

Quando entro no posto dos Correios, percebo que as coisas não vão ser fáceis. Há fila e a mulher atrás do balcão tem cara de ter sido, em tempos, uma exímia lançadora de peso. Um homem à minha frente, que traz vestido um equipamento de basquete desirmanado e chinelos da Nike, tem na mão um passaporte malaio, uma carta de condução e o que parece ser uma fatura da luz. Oh, meu Deus, isto é como tentar comprar uma arma. Ou pedir um cartão de biblioteca.

O tipo que está na frente da fila não tem o aviso nem um documento de identificação com fotografia, mas tem calções *cargo* e demasiadas chaves. Está aos gritos a dizer que é electricista. Nada disso interessa aqui; ninguém quer ouvir a sua história triste. A discussão prolonga-se por vários minutos de tensão, e o homem sai de mãos a abanar, passando por mim a resmungar. Isto faz-me sentir parte do espetáculo. Sou a Miss Brill no conto de Katherine Mansfield, «Miss Brill». Ela pensa que está a observar toda a gente num parque em França, mas afinal ela é que está a ser observada por todos, que acham que é uma cabra velha e miserável. Não, acho que dispenso esse papel.

— PRÓXIMO.

O homem do equipamento de basquete mostra todos os seus documentos de identificação. A mulher atrás do balcão tira-lhe as medidas. Será que este homem vai receber a sua encomenda hoje? Tem pena dele, e ele agradece-lhe profusamente. Abre a encomenda. É um cabo HDMI.

Dou um passo em frente. O balcão é cinzento, com o tampo em laminado a descascar e vários avisos colados que indicam a necessidade de identificação. Há três arames esticados na parte da frente do guichê, julgo que para impedir que alguém tente tirar a encomenda com a frustração. Sou demasiado alto e olho para a mulher por entre os arames. O crachá diz chamar-se Loretta.

— Em que posso ajudar? — pergunta a Loretta.

— Olá, venho levantar uma encomenda — digo, num tom de voz que espero que seja animado e afável.

Ela olha para mim como se aquilo fosse a coisa mais estúpida que alguém alguma vez lhe tivesse dito. Tem o cabelo penteado para trás num carrapito muito apertado. Também eu já usei gel no cabelo, mas metia medo ao susto. Parecia o Bela Lugosi.

— Tem o aviso?

— Sim.

— E então, onde é que ele está? — Deposito-o em cima do balcão e a Loretta pega nele, incrédula. — Este é o seu nome? Chama-se Valaddin? Tipo, Aladin?

— Não, não é esse o meu nome, chamo-me Valdin.

— Valdin Valaddin?

— Não, Valdin Vladislavljovic.

Ela olha para mim como se estivesse a brincar. Gosto do meu nome, mas neste momento preferia que fosse realmente uma brincadeira.

— Então, porque é que isto diz Valaddin?

— Não tenho a certeza, acho que o estafeta se enganou — digo, mas recrimino-me imediatamente. Não gosto de culpar os outros.

Ela abana a cabeça e acerca-se do computador.

— Soletre, por favor.

— Hum... V-A-L, como Valerie Adams, D-I-N.

Ela levanta uma sobrancelha.

— D-I-M, como fazem as campanhas?

— Não, com N, de... Nosferatu.

— Ah, sim. E o seu apelido?

— Quer ver a minha carta de condução?

— Esqueci-me dos óculos. — Ela olha com impaciência para o ecrã do computador.

— V-L-A-D, como a película aderente Glad, mas com um V de... Vortex Mega Howler. Depois I-S, como... — É melhor não

dizer Islão; não é um bom exemplo. — Como istmo. A-V, como Audiovisual, L-J, como L.J. Hooker...

— A imobiliária?

— Sim.

— E mais?

— E-V-I-C. Echo, Victor, Indigo, Charlie. — Esqueci-me de que sei o alfabeto fonético.

Ela escreve mais um pouco.

— Eslovaco?

— Oh, não, sou maori. Mas o meu pai é russo.

Ela levanta novamente uma sobrancelha.

— A sua encomenda está aqui. Vou buscá-la.

Distraí-me de tal forma que me esqueci de como estou preocupado. O meu coração dispara quando a Loretta se afasta e vai vasculhar algumas caixas que tem atrás de si. Quem é que me mandou uma encomenda e porquê? Espero que o Xabi não me tenha enviado uma prenda de anos. Porque faria tal coisa? Só faço anos para o mês que vem.

A Loretta regressa com um envelope castanho volumoso, regista o código de barras e entrega-mo por baixo do último arame.

— Aqui tem, Valdin. Agora é só assinar. Tenha um bom dia.

— Um bom dia também para si, Loretta.

— Oh, será certamente — diz ela, confiante.

Levo a encomenda para o exterior e sinto que as minhas costelas vão rebentar. Desço os degraus de cimento e fico parado num pequeno parque de estacionamento junto a uma parede com caixas de correio vermelhas. O envelope parece conter um livro. De repente, tenho uma imagem horrível do Xabi a devolver-me um livro que se misturou com as coisas dele. O livro chamava-se *Summerhouse, Later*, e era muito especial para mim, mas não quero voltar a vê-lo. Não quero vê-lo com um bilhete manuscrito a dizer algo como «V — Encontrei o teu

livro enquanto estava a organizar as coisas. Espero-te bem, X.»
Não quero ver isso.

Rasgo a parte lateral do envelope e retiro o conteúdo. É um livro. É um livro chamado *Fungos do Mar Morto: Vida Fúngica no Mar Morto*. Que título mais parvo. Há um bilhete na capa.

Caro Prof. Vladislavljovic,

Muito obrigado pela recente palestra que deu no nosso centro de investigação. Todos adoraram e acharam muito informativa no que toca aos recentes progressos na sua região.

Esperamos voltar a vê-lo em Omã em breve,

Dr. Hissah Asfour

Isto não é para mim, é para o meu pai. Temos o mesmo nome. Devem ter usado a base de dados da universidade; estamos ambos lá. Ninguém me enviou nada. Não sei porque pensei que o fariam.

Fitas de crachá

G

Por vezes, acho que detesto a universidade como instituição e chego a pôr em causa o meu envolvimento nela, tanto na qualidade de funcionária como de aluna, mas tudo isso perde importância quando estou no quinto andar da biblioteca, a tocar nos livros e a olhar para o porto e para as ilhas do Golfo de Hauraki. Gosto de olhar para as contracapas dos livros e ver há quanto tempo estão nestas prateleiras. Alguns estão aqui há 50 anos. O mundo mudou muito neste último meio século, e estes livros permaneceram aqui. Porventura, à exceção de algumas breves estadias no apartamento de alguém, ou de uma escapadinha ao Motueka Top 10 Holiday Park, onde a pessoa que requisitou o livro nem sequer o leu porque estava demasiado ocupada a andar de caiaque na Baía da Tasmânia ou coisa que o valha.

O motivo da minha felicidade é só um: estou apaixonada. Ainda penso em sussurrá-lo a um exemplar de *Anton Chekhov: The Voice of Twilight Russia*, mas não quero passar vergonhas. Estou apaixonada por uma colega de trabalho que também é tutora académica de Inglês. Só me refiro a ela como colega para que os meus sentimentos permaneçam um mistério. Se disser: «Ontem à noite, eu e a minha colega fomos comer um gelado à Island Gelato Company», e alguém replicar com algo

como: «Sim, a Holly disse-me», finjo-me surpreendida. Talvez seja esse o nome dela, sei lá eu. Somos apenas colegas de trabalho.

Deixo-me levar por uma fantasia em que a Holly me convida para passar o Natal com a família dela em Napier, onde fica o Aquário Nacional. Imagino que os pais dela são tu cá, tu lá com todos os pinguins que ali vivem. A Holly dirá: «Esta é a Greta Vladislavjevic», porque sabe como me chamo e não tem medo de dizer o meu nome e, na minha fantasia, também o diz corretamente. Não haverá azevinho¹, uma planta típica do Natal noutras regiões, um trocadilho que não deixarei passar em branco. Todos vão querer abrir um *cracker* comigo, até o cão. Aposto que têm um cão. E um deque. Um grande deque. Todos teremos chapeuzinhos de papel, que não vão escorregar nem cair-nos para cima dos olhos.

A minha família nem vai perceber que fui passar o Natal a outro sítio. O V, o meu irmão, vai estar demasiado ocupado a mandar em toda a gente, a esconder os presentes, não vamos nós abri-los *mal*, e a vestir uma segunda muda de roupa como se fosse o seu casamento e estivesse a passar na televisão. Enquanto espera que o V se despache, o meu pai vai exagerar no licor de ameixa e começar a falar apenas em russo, dizendo à minha mãe que ela é tão bonita e inteligente como a Sofia Kovalevskaya, a primeira mulher com um doutoramento em Matemática.

A Holly não bebe licor de ameixa, bebe uísque. Nunca na vida pensei: «Sabem que mais, se calhar vou beber um uísque.» A Holly ciranda pelas festas, de copo de uísque na mão, a rir e a acenar com a cabeça. Conhece muita gente e todos querem falar com ela. Os rapazes gostam de lhe falar sobre livros e política. Os rapazes nunca falam comigo sobre essas coisas, apesar de a minha tese ser sobre romances russos e ingleses

¹ *Holly* em inglês. [N. do T.]

da Guerra Fria. Só me perguntam quem me está a acompanhar ali. Eu cirando pelas festas à procura do caixote da reciclagem.

Tenho sempre a esperança de que, no final das festas, a Holly me convide para ir a casa dela, mas nunca o faz. Talvez queira manter a relação a um nível profissional. Talvez não devesse estar a pensar tanto em beijar a minha colega. Talvez não devesse olhar para o rabo da minha colega quando ela ajuda o meu supervisor a ligar o monitor do computador. Faço das tripas coração para não olhar para as fotografias que a Holly tem no Instagram com a ex, da altura em que fez o mestrado no Reino Unido. Não sei nada sobre aquela mulher, mas presumo que seja loura e se chame Natasha, e que se sentassem em pequenos cafés escuros a falar sobre Proust. Imagino que, se a conhecesse, ela me acharia um amor e diria que nunca seria capaz de ter o cabelo tão comprido como o meu.

Às vezes, quando pergunto à Holly como está, ela diz: «Melhor, agora que estás aqui», e sinto que, se abrir a boca, todos os meus órgãos cairão no chão da biblioteca. Ninguém levantaria sequer os olhos dos computadores portáteis, porque todos sabem o que é estar-se apaixonado. Um desses momentos está a ocorrer agora mesmo, enquanto olho para a contracapa de um livro que foi requisitado pela última vez em 1978, e ela me envia uma mensagem: «Olá, se ainda estiveres na universidade, podes ajudar-me com uma coisa?»

Sinto-me orgulhosa por saber que lhe posso ser útil. Como quando um professor diz que precisa da ajuda de dois alunos fortes e somos um desses alunos. Ajeito o vestido enquanto atravesso a Symonds Street para ir ter com ela. A Holly está vestida como a Hannah Gadsby, e eu como alguém cujo namorado se atrasa para ir ter com ela ao Festival de Cinema Francês. Está apoiada no corrimão da rampa de acesso ao edifício de Artes, a olhar para o telemóvel. Traz uma camisa branca de mangas compridas e calças azul-escuras com Docs pretas. Não é propriamente um *look* de verão. Só daqui a uns meses é que

as folhas vão começar a cair dos grandes carvalhos que ladeiam esta parte da rua.

— Olá, obrigada por teres vindo — diz, enquanto me posto diante dela o mais casualmente possível. — Não demora muito tempo.

— Oh, na boa, não estava a fazer nada, de qualquer maneira — retruco.

Tocar em livros não é propriamente fazer alguma coisa. Ela passa os dedos pelo cabelo enquanto atravessamos as portas automáticas do edifício. Tem cabelo curto que afunila e me faz lembrar a ilustração de um tubarão num livro de que gostava muito quando era miúda. Será que ela também pensa no meu cabelo e nas ilustrações que lhe evoca? Será que ela se lembra da vez em que nos deitámos no chão da sala dos doutorandos, depois de todos já terem saído, a ouvir a mesma canção vezes sem conta?

Entramos no elevador e eu continuo sem saber o que vamos fazer. Ela pressiona o botão do quarto andar e enfia as mãos nos bolsos. Parece nervosa.

— O que vais fazer esta noite? — pergunta.

— Não sei bem — digo, tentando posicionar-me no meio-termo entre estar demasiado ocupada para passar tempo com ela e o facto de não ter amigos ou vida social. — Amanhã vou a Wellington. Cheguei a dizer-te, lembras-te?

— Sim, claro. A tua mãe está lá, não está?

— Sim, vai ficar lá duas semanas a dirigir um programa de teatro de verão. Vou com a amiga dela, a Geneviève, que tem uma atitude muito... arrojada, por isso não sei como vai correr.

A Holly ri-se e abana a cabeça. Há qualquer coisa nela que me faz sentir como se tivéssemos acabado de nos conhecer sempre que estamos juntas. As coisas nunca se tornam mais confortáveis. Ela deixa-me sair do elevador primeiro. Percorremos o corredor e paramos no gabinete de doutoramento do Departamento de Inglês. Ela inclina-se para abrir a porta

com uma chave que traz presa a uma fita azul-escura da universidade. Há dois tipos de pessoas neste mundo: as que têm fitas e as que não têm fitas. A Holly é das que têm fitas. Tem a confiança necessária para tal. Abre a porta para me deixar passar. Isso é outra coisa que não consigo fazer. Quando seguro a porta a alguém, acabo por deixar entrar dez pessoas, que pensam ser aquela a minha função e me perguntam onde é a casa de banho.

A Holly coloca-se diante de duas pilhas de cartolinas com as mãos nas ancas.

— Como vamos fazer isto? — pergunta.

— Como vamos fazer o quê? — replico, num tom entre o confuso e o sugestivo.

— Tenho de levar isto para a galeria na Shortland Street. Não te disse?

— Oh. — Não, não disse. — Isso fica a quê, oitocentos e cinquenta metros daqui?

— Não sei precisar os metros, Greta.

Pego logo em metade das cartolinas. São todas A1 e pesam que se fartam. Tenho os braços compridos, mas em termos de grossura são uns galhinhos. A Holly observa-me.

— São muito pesadas? Queres que chame outra pessoa?

— Não, que disparete! Isto não pesa nada.

Ela pega nas outras cartolinas sem qualquer esforço. Tem um arcaboço mais adequado a este tipo de trabalhos. Já eu sou muito boa no origami. Será que devo falar disso? Talvez mais tarde. Abro a porta com o joelho e voltamos a entrar no elevador. Pressiono o botão do rés do chão também com o joelho. A Holly ri-se.

— Estás a tentar mostrar-me a tua destreza?

— Não. Não preciso de provar nada a pessoas como tu.

— Tens razão. Já te vi abrir uma garrafa de gin tónico pré-misturado numa paragem de autocarro.

Faço uma pausa. Depois digo:

— Também sou muito boa no origami.

— Mostra lá isso — diz ela, olhando para as cartolinas. Estamos muito próximas no elevador. Os nossos cotovelos tocam-se.

— Não consigo fazer isso agora, preciso de estar *zen*.

— Estás a dizer que não sou *zen*?

Abano ligeiramente a cabeça.

— Não és nada *zen*. És tumultuosa.

— Sou *tumultuosa*?

— Um dos meus alunos disse isso. Disse que Chaucer era tumultuoso.

Sáímos do elevador no primeiro andar, atravessamos o *hall* de entrada, passando pela rececionista alemã que sempre me odiou, e avançamos pelo pátio. Costumava encontrar-me com o meu pai aqui às quartas-feiras, depois das aulas. Dizia que era o seu compromisso das quartas-feiras às 15h30 para me fazer sentir importante. Ele pedia sushi e café; eu comia batatas fritas picantes e um Powerade azul. Na altura, não havia muitas opções. Agora, há tacos e crepes e tudo e mais alguma coisa, à venda em contentores coloridos. Talvez eu e a Holly possamos comer crepes depois disto. Podíamos ir à Kāpiti Store comer gelado. Adoro gelados. Há duas semanas, fomos às quatro melhores geladarias do centro de Auckland num só dia. O meu preferido é o gelado de mirtilo, lima e saqué do Ferry Building, apesar de as empregadas revirarem sempre os olhos umas para as outras se demorarmos muito a escolher. A Holly não costuma ter muita sorte nas suas escolhas, optando muitas vezes por sabores como rum e passas ou sésamo preto, mas não lhe levo a mal.

Chegamos à passadeira em frente ao Tribunal Superior e ninguém carrega no botão.

— Vais voltar a usar o joelho? — pergunta a Holly.

— Não. — Atiro o cabelo para trás do ombro, timidamente. Ela ergue uma sobrancelha e pressiona o botão com o cotovelo, sem deixar cair as cartolinas e sem desviar os olhos dos meus.

Quando os meus pais viajaram depois do Ano Novo, com o meu tio e o marido dele, a Holly foi lá a casa arranjar a minha bicicleta. Acabámos por não ir até Mission Bay. Em vez disso, ficámos sentadas na entrada da garagem e eu apanhei um escaldão, porque conversámos até a noite cair. Tirei a roupa na casa de banho do andar de cima e olhei para as marcas nas minhas costas. Senti que tinha a nossa conversa gravada no corpo.

Passamos pela Old Government House e pelo relvado onde montam um toldo e servem sumo de laranja e vinho frisante durante as cerimónias de formatura. O V estava chateado na sua formatura porque não queria usar o chapéu. Pelo menos, foi o que disse. É algo que faz sempre que tem um grande problema, como quando decidiu que não queria ser cientista. Imagina que todas as suas dificuldades são culpa de um único objeto. Tudo é culpa do chapéu. Não chora porque tem saudades do ex, chora porque o canto da cama está demasiado perto da parede.

— Estás bem? — pergunta a Holly enquanto ajusto os dedos que seguram as cartolinas.

— Sim, estou ótima. — Ela sorri e eu retribuo.

— Desculpa ter-te melgado com isto.

— Nada disso. É um ótimo exercício. Os meus braços vão ficar que nem dois troncos.

Ela sorri e abana a cabeça.

— Podia ter feito duas viagens, mas estou com pressa. Estou muito nervosa por ir conhecer os amigos da Sonja mais logo. É estranho voltar a ter uma namorada depois de tanto tempo, ter de passar por isto de conhecer os amigos, conhecer a família. Já não o fazia desde o desastre em Portsmouth. Mas com a Sonja é diferente. Sei que ainda só passaram, o quê, dois meses? Lembras-te?

— Não. — Nunca tinha ouvido falar desta Sonja. Agarro as cartolinas com firmeza enquanto atravesso a Princes Street e desço a colina da Shortland Street.

— Quanto tempo achas que vou demorar a chegar ao hospital? Tenho de ir lá ter às cinco, quando ela sair.

— O que é que ela faz lá, flebotomia?

— Não, Gre. Acertas sempre ao lado — diz-me. — É enfermeira na área da saúde mental. Era capaz de jurar que já tínhamos falado sobre isto.

— Não.

— Sinto que há semanas que não penso em mais nada a não ser nela.

Quero atirar as cartolinas para o chão, mas não o faço. Agarro-as com mais força. Aperto-as tanto que se formam manchas brancas à volta das minhas cutículas. Não estou a respirar em condições, e inspiro o máximo de ar que consigo sem levantar suspeitas, na ânsia de sugar todas as coisas estúpidas e erradas que disse e pensei, calcando-as bem fundo até desaparecerem de vez.

— Onde é que se conheceram? — pergunto.

— No sítio do costume.

— Ah, num bar?

Ela olha para mim como se não estivesse boa da cabeça.

— Não, no Tinder.

Sempre que vou ao Tinder, só vejo mães solteiras com vontade de experimentar e casais heterossexuais à procura de *um par de mãos adicional*. Uma enfermeira! Os enfermeiros são os heróis da nossa sociedade! Que é tudo o que os alunos de literatura russa não são! E ela jura que já falámos sobre isto!

— Achas que estou bem? — continua. — Só quero que os amigos dela gostem de mim.

— Porque não haveriam de gostar de ti? Estás ótima.

Sinto-me a derreter no passeio. Já vejo a galeria, o nosso destino, mas está tão longe. Acho que não vou chegar viva. Alguém terá de chamar a minha mãe e dizer-lhe para trazer uma pá para raspar a poça que costumava ser eu do chão e a

meter num balde. Vai atirar-me para as suas gardénias e também elas vão morrer. Os vizinhos vão perguntar o que aconteceu às belas flores brancas e às suas folhas verdes e luzidias e de onde veio o monte de cinzas fumegantes, e a minha mãe dirá: «Lembras-te da minha filha, a Greta? Morreu. Era capaz de jurar que já tínhamos falado sobre isto.»

— Obrigada, amiga — diz a Holly. — Fazes-me sempre sentir melhor. — Tento encolher os ombros, mas é difícil quando me sinto morta emocionalmente e, fisicamente, tenho os braços prestes a cair. — Haverias de gostar muito da Sonja. Ela é boa pessoa, sabes, preocupa-se com as coisas reais, as que realmente importam. Não se preocupa com as mesmas merdas com que nós nos preocupamos. Não perde tempo a queixar-se que *Das Kapital* foi muito mal interpretado pelos académicos anglófonos. Não discutimos se o pai de John Stuart Mill era gay, ele e todos os seus amigos académicos.

Claro que todos os amigos do pai de John Stuart Mill eram homossexuais. Um deles vivia em Montpellier, por amor da Santa, e fartavam-se de fazer *caminhadas* e falar sobre *Heródoto*. Escreviam *cartas* uns aos outros a dizer que não queriam ir para a *guerra*. Se isso não é ser gay, não sei o que é.

— Além disso, é toda boa — diz a Holly em voz baixa, como se fôssemos dois bacanos a fumar nas traseiras do bar, encostados à porra de um *Subaru*, ou lá o que é que os homens fazem. — É eslovaca.

Só me apetece dar um pontapé à tampa da sarjeta que estou a pisar e cair lá para dentro. Aposto que o apelido da Sonja é daqueles jeitosos que cabem nos espacinhos dos formulários, tipo, Jovich ou Bobkov. Imagino-a ao telefone, toda sensualona, a dizer: «Sim, isso mesmo, B-O-B, K-O-V.» Aposto que nunca deu por si deitada no chão da cozinha enquanto gritava com um pobre coitado na StudyLink: «Não, V de Victor, L de Laranja, A de... Aneurisma, D de... Didatismo... Espere, só faltam dez letras, I de Ícaro, S de Susan Sarandon...»

— Fixe. Boazona? Porreiro — digo, como se estivesse a fazer publicidade a cubos de gelo.

— Sim, não sei porque me escolheu.

Eu não sei porque te escolhi, Holly, penso. Devia estar numa praia algures, com pessoas a servirem-me bebidas e a dizerem que também sou boazona e que as coisas de que gosto de falar são inteligentes e tudo menos um desperdício da minha vida.

Ela abre a porta da galeria com um cartão de acesso. Não olho para ela. Pouso as cartolinas no *hall* de entrada e cruzo os braços.

— Para que queres tudo isto, afinal? — pergunto.

— São para um concurso em que as pessoas fazem cartazes sobre o tema da sua tese.

Ainda penso em fazer um grande cartaz cintilante sobre a minha tese, com a cara do Mikhail Gorbachev toda em strass e purpurinas, mas não o digo à Holly, porque me parece que ela ia achar isso uma estupidez. Na rua, ela fica à minha frente com as mãos nos bolsos. Eu não descruzo os braços.

— É melhor ir andando para o hospital. Para que lado é que vais?

— Para o lado oposto.

— Oh — diz ela, acenando com a cabeça. — Bem, obrigada pela tua ajuda. Até breve.

— Sim. Talvez.

— Talvez? — Ela olha-me diretamente nos olhos e sorri como se nada fosse. — És uma mulher misteriosa, Greta.

Despedimo-nos e eu viro-me e começo a descer a colina. Não sei para onde estou a ir, mas não me volto para trás. Ela não pode saber que estou a chorar.

Secretárias

v

Não gosto da sensação de andar com um livro que não é para mim. Queima-me as mãos como o sol me queima a cara, por isso decido livrar-me dele o mais depressa possível. Volto a subir, descer, subir a Victoria Street por onde vim, depois continuo a subir o caminho íngreme até à universidade. Vou pelo pior percurso porque não quero ver ninguém com quem trabalhei nem ter de ouvir a preocupação nas suas vozes quando me perguntam como tenho passado. Num país pequeno, numa área pequena como a Física, não podemos simplesmente dizer que arranjámos um emprego semelhante noutro sítio e que foi por isso que nos despedimos. Todos vão saber que tivemos um esgotamento. Teremos de viver com a lembrança de termos apagado a nossa conta de e-mail e de termos percebido como alterar o número de telemóvel para que ninguém nos pudesse contactar enquanto estávamos sentados no chão da cave dos nossos pais a ver o quadragésimo episódio de *Say Yes to the Dress*. Decido não pensar mais nisso.

Não há muita gente na universidade porque estamos no verão. São sobretudo alunos a fazer melhoria de nota ou pessoas que trabalham na rádio, por isso não me cruzo com ninguém. Ninguém me pergunta se estou bem ou se sei para onde vou, porque é óbvio o motivo pelo qual estou aqui. Vim ver

uma das pessoas mais conceituadas e famigeradas da Faculdade de Ciências Biológicas, com quem por acaso tenho uma grande semelhança.

Bato à porta e o meu pai diz «Entre» num tom autoritário e profissional, porque não sabe que sou eu. Não alguém que o respeita como especialista na relação simbiótica entre crustáceos e bactérias gram-negativas, mas sim alguém que o respeita como a pessoa que o ensinou a gravar *McDonald's Young Entertainers* numa casete, em 1997.

O meu pai levanta a cabeça do que está a fazer.

— V. O que fazes aqui? — pergunta. Tem as palavras cruzadas do *The New York Times* à sua frente, na secretária. É sempre estranho vê-lo no seu ambiente de trabalho e a usar as suas roupas de trabalho (hoje uns chinos castanhos e uma camisa verde), normalmente a pensar em coisas sérias. — Aconteceu alguma tragédia?

Abano a cabeça.

— Não. Que eu saiba, não. Recebi isto por engano. Porque estás de pé?

— Nunca ouviste falar em secretárias de pé? — diz ele, pegando na encomenda. — Estão na moda. Hoje em dia, toda a gente trabalha de pé.

— Acho que a ideia não é ficarmos de pé em frente a uma secretária normal.

Ponho as mãos nos bolsos e olho em volta, observando a pequena sala, imaginando como deve ser ver o meu pai da perspectiva dos alunos e colegas com quem ele interage todos os dias. Nervosos com a reunião sobre a sua dissertação, entusiasmados com... fungos, sei lá. Há uma fotografia de um palhaço afixada na parede com a seguinte legenda: «Olá, Papa Linsh, tens medo de palhaços? Eu não. Freya, 6 anos.» A Freya é a minha sobrinha. Há também uma fotografia de nós todos, à porta de um restaurante, tirada há uns anos. Eu tenho a boca aberta, o Casper os olhos fechados

e a Greta está a olhar na direção oposta, mas a minha mãe está com bom ar, mesmo não parecendo feliz por ali estar. Provavelmente, porque o restaurante era em Ponsonby. Ela detesta estar ao pé de pessoas que se julgam superiores aos outros. Foi o meu pai quem tirou a fotografia e suponho que decidiu que ficaria a matar afixada na parede. Pergunto-me o que terá acontecido à camisa de seda cor de sálvia que estava a usar naquele dia.

— *Fungos do Mar Morto: Vida Fúngica no Mar Morto*. Um título criativo, não achas? — diz-me, depois de abrir a encomenda e inspecionar a nota na capa do livro. — Oh, é do Hissah. Foram tão simpáticos comigo em Omã. Vou ter de lhes enviar algo em troca. Obrigado.

— Porquê?

— Por me teres trazido isto. Podias ter esperado até voltarmos a ver-nos.

Encolho os ombros.

— Ora essa. Só queria ver-me livre disso.

Ele olha para mim com um ar severo, e percebo que a frase indicou mais subtexto do que gostaria.

— Porquê?

Volto a olhar em redor. Pela janela, alguém de fato-macaco verde parece estar a lavar um telhado.

— Oh, eu só... Não sei. Tive de ir buscá-lo aos Correios e pensei que podia ser alguém a devolver um livro que emprestei há algum tempo.

— Quem é que devolveria um livro pelo correio em vez de o usar como desculpa para tomar um café e coscuvilhar?

A pessoa que está a lavar o telhado não pensou bem na coisa, e a água escorre-lhe agora para cima do corpo.

— Não sei. O Xabi, talvez.

— Ah — diz o meu pai, mas não olho para ele, não vá haver pena na sua expressão. — Precisas do livro? Posso pedir ao Thony, se quiseres.

— Não — respondo, num tom que espero que denote des-
 contração e indiferença. Não gosto de pensar que há membros
 da minha família que ainda estão em contacto com o Xabi. Mas
 agora também não quero falar sobre isso. — Posso comprar
 outro exemplar.

— Sim, senhor, gosto de te ver a comprar livros como se
 quisesses salvar a indústria livreira local — diz, apoiando-
 -se nas costas da cadeira atrás da secretária. — O trabalho está
 a correr bem?

— Sim. Está a correr lindamente.

— Achas que alguma vez vais filmar em Omã? Tenho para
 mim que ias gostar; podes ver tartarugas na praia. Sei que gos-
 tas da forma como a coluna vertebral da tartaruga se curva den-
 tro da carapaça.

— Não sei se vou poder fazer isso tão cedo. Tive proble-
 mas com o conselho de turismo por causa do episódio que
 filmámos em Matamata. Por causa do que eu disse sobre os
 hobbits.

O meu pai abana a cabeça.

— Oh, Valdin. Os hobbits são tesouros nacionais.

— Não precisas de me dizer. Reencaminharam-me e-mails
 suficientes a explicá-lo.

Ele olha para as palavras cruzadas em cima da secretária.
 Gostava de ter uma secretária. Se tivesse continuado a ser
 físico, poderia ter tido a minha própria secretária. Agora traba-
 lho num espaço partilhado com uma copa. Não sei o que faria
 com uma secretária. Acho que podia comprar uma e pô-la no
 meio da sala de estar para me sentar diante dela. Isso irritaria
 a Greta, que haveria de pensar que eu tinha transformado um
 espaço comum numa sala privada.

— Como está o Slava? — pergunta o meu pai, de repente.
 O Slava é o meu amigo russo. Trabalha em marketing e
 mantém-me a par da gíria gay e das mais recentes rixas entre
 celebridades, quer eu queira quer não.

— Está ótimo. Vi-o há dias. Disse que ia começar a beber mais *frappés* para se sentir empoderado. Nem me atrevi a perguntar o que queria isso dizer.

— Passa-se alguma coisa entre vocês?

— O quê? Não, é só um amigo. Não me apetece sair com ele; obrigar-me-ia a ir a provas de vinhos e a cafés onde os empregados são excessivamente simpáticos e vendem pedaços de pão a que chamam «pães da liberdade».

O meu pai encolhe os ombros.

— Pensei que podias sentir-te só.

— Estás enganado — digo, mas não sei até que ponto é verdade. Só comecei a pensar nisso quando recebi o maldito aviso dos Correios.

— E a Greta?

Levanto as sobrancelhas.

— Não estou assim tão carente que precise de ter uma relação incestuosa com a minha irmã.

— Não, se anda com alguém.

— Ah. Há uma mulher que passa muito tempo em nossa casa. A Greta solta uns risinhos estranhos quando ela está por perto, por isso o mais certo é estar apaixonada. Mas não confio nela. Está sempre a explicar coisas que a Gre de certeza já sabe.

— Que coisas?

Pondero naquilo.

— Por exemplo, como usar a função de cubos de gelo no frigorífico. É o nosso frigorífico. A Greta sabe como fazer gelo, está sempre a beber caipirinhas e a ver telenovelas brasileiras. Não vê o meu programa; disse que seria estranho olhar para mim através de uma lente pública. Enfim, não confio naquela mulher. Há dias, começou a perorar sobre o porquê de Miguel Ângelo ter pintado a Capela Sistina. E estava de *blazer* em pleno verão. Fez-me lembrar um daqueles professores que são muito divertidos e descontraídos nas primeiras semanas e que depois nos dão uma nota baixa porque não gostam da nossa atitude.

— Então, achas que a relação da tua irmã com a mulher de *blazer* está condenada à partida?

— Não sei. A Greta parece ter um interesse especial por pessoas que lhe dizem coisas que ela já sabe.

— Já reparei. Valdin, fiquei preocupado quando te vi entrar. Pensei que tinha acontecido uma tragédia.

— Que tragédia?

— Qualquer coisa de muito grave, para vires aqui pessoalmente. — Fez um compasso de espera antes de continuar. — O teu irmão podia ter tido um acidente de trabalho e perdido a mão.

— Como é que ele faria isso? É professor de Artes Plásticas, não é moleiro. Não vai perder a mão a preparar um Power-Point. — Fico aliviado por ver que ele não refere a última vez que apareci inesperadamente. Nessa altura, tinha acabado de me despedir e apareci a chorar e a perguntar se podia voltar para casa. Talvez tenha sugerido que estava destinado a viver uma vida de pobreza e indigência abjeta de uma forma algo melodramática. — Além disso, o Casper não me ligaria numa emergência, ligaria à mãe. Aviso-te se a Greta se aborrecer de morte com uma palestra sobre como funciona a recolha do lixo dada por uma das suas paixonetas.

Alguém bate à porta. O meu pai diz «Entre» outra vez, com a mesma voz profissional.

— Desculpem interromper. — Uma pessoa com cabelo curto e lustroso e camisa espreita pela porta, como se eu pudesse ser alguém importante e o meu pai não estivesse apenas a fazer as palavras cruzadas. — Sabe onde está o Erik?

— Sim — diz o meu pai, com ar preocupado. — Teve de ir ao dentista de urgência. Partiu a coroa e teve de sair mais cedo. Está tudo bem? Alguém precisa de ajuda no laboratório?

A palavra *coroa* sai-lhe estranha; ou melhor, não sai como eu a digo ou como dizem as pessoas quando falam da realza. O meu pai vive aqui há muito tempo, desde a adolescência,

mas há palavras que pronuncia sempre com um ligeiro sotaque russo. É estranho pensar que houve uma altura em que ele não falava inglês e uma altura em que teria um sotaque cerrado. Nesse tempo, as pessoas não se filmavam tanto; não há registos disso. Que é o mesmo que dizer que o fenómeno do meu pai com uma voz diferente não existe.

— Oh, não, está tudo bem. Era só uma supervisão. Uma reunião de supervisão — corrige a pessoa. Também não é de cá, parece... o Sean Connery a interpretar um rato.

— Tenho a certeza de que ele vai ter pena de não se terem cruzado. Quando o vir, digo-lhe que passou por cá.

A pessoa agradece, olha para mim e acena com a cabeça antes de voltar a fechar a porta, como se me dissesse que podia retomar os meus assuntos de suma importância. Mas dispenso. Não pensei bem nesta coisa de trazer o livro ao meu pai, e agora percebo que expus demasiadas emoções e sentimentos ocultos em relação ao Xabi.

O meu pai encara-me com um olhar sério.

— Janta comigo.

Abano a cabeça.

— Não me sinto assim tão só; foi um exagero. É do calor.

Ele encolhe os ombros.

— Mas sinto-me eu. A tua mãe já está fora há algum tempo.

— Porque não quiseste ir vê-la com a Greta e a Geneviève no fim de semana?

— Oh, não me quero intrometer. Ela volta em breve. — Endireita o livro na secretária, quase com demasiado cuidado. — Porque não vamos a um restaurante jeitoso em Newmarket? Podíamos convidar o Thony. E a Greta.

— Ela está bem. Nunca se sente só.

O meu pai franze o sobrolho e depois acena com a cabeça.

— Muito bem, vamos curtir.

Valdin não consegue parar de pensar no ex-namorado. Um ano depois de Xabi ter terminado com ele, reconstruiu a sua vida: partilha um apartamento com a irmã, Greta, tem uma boa carreira e colegas que só de vez em quando o relembram do facto de ser o único maori no escritório, e mantém uma rotina de cuidados com a pele. Quando, no entanto, o trabalho o envia para a Argentina e o atira novamente para a órbita de Xabi, Valdin vê-se forçado a confrontar sentimentos que tem tentado ignorar.

Greta não permite que a sua *crush* não correspondida por uma colega de trabalho (ou a sua possivelmente inútil tese de mestrado, ou o seu patético salário...) a desanime. Ela quer resolver a vida amorosa caótica, mas a sua família ainda mais caótica não para de se intrometer: o casamento dos pais está a ficar complicado, o sobrinho encontra-se a meio de uma crise gay e o irmão fugiu para casa do ex na América do Sul sem dizer uma palavra.

Greta e Valdin explora o ser-se queer, o amor, o colonialismo, o karaoke e a constatação perturbadora de que os nossos pais também têm um passado, de uma forma que fará os leitores rir, chorar e apaixonar-se por todos nesta família tão particular.

«Gostei tanto destas personagens. Uma leitura cativante e encantadora, com uma pitada de humor e introspeção. Mal posso esperar por ler mais de Rebecca K Reilly.»

EMILY AUSTIN, autora de *Toda a Gente Nesta Sala Um Dia Há de Morrer e Factos Curiosos Acerca do Espaço*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832798



9 789895 832798 >